

Adolescentes em *Travessia*: temáticas juvenis na telenovela brasileira¹

João Paulo HERGESEL²

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo debater as inovações e rupturas nos modos de representação da adolescência na telenovela brasileira, com recorte para *Travessia*, de Glória Perez. Para isso, adotamos uma metodologia que une a revisão teórica sobre a vivência juvenil-adolescente; a revisão bibliográfica sobre as representações midiáticas do adolescente no audiovisual e a análise televisual com discussão contextualizada. Os resultados apontam que Rudá retrata a dualidade entre o real e o virtual, bem como a complexidade no entendimento sobre a própria identidade; Karina sinaliza a importância da segurança on-line e do combate aos abusos sexuais nesse meio; Theo retrata os malefícios do excesso de tecnologia, mas também os caminhos para superação da dependência em tela; e Isa demarca a busca do jovem pela autonomia e destaca a necessidade dos diálogos intergeracionais.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos de televisão; ficção televisiva seriada; telenovela brasileira; adolescência; Glória Perez.

1 INTRODUÇÃO

A lei brasileira define como adolescente todo cidadão de 12 a 18 anos (Brasil, 1990). No entanto, questionamos a ideia de uma transformação imediata nas funções cognitivas, psicológicas e físicas, sugerida pelo simples passar do tempo. Calligaris (2000) propõe uma visão mais ampla do adolescente como aquele capaz de assimilar os valores predominantes na comunidade, embora não seja reconhecido como adulto. Concordamos que o adolescente possui maturidade e visão crítica, embora o sucesso financeiro e amoroso nem sempre corresponda à realidade contemporânea. Palácios (2004) complementa essa visão, destacando a adolescência como uma fase de transição, marcada pela permanência no sistema educacional, dependência dos pais, e preocupações próprias da cultura adolescente.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

• Este artigo é um desdobramento do projeto “Masculinidade, assexualidade e adolescência na telenovela: temáticas cidadãs emergentes em *Travessia*, de Glória Perez”, fomentado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – n.º do processo 2023/05698-8.

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa Entre(dis)curso: sujeito e língua(gens). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

A representação da adolescência na mídia, exemplificada por Coutinho (2009), que tem a ficção televisiva brasileira como objeto de estudo, muitas vezes se limita a estereótipos e clichês, centrados em questões amorosas. Porém, observamos uma tendência internacional em séries como *Skam* (NRK, 2015-2017), que exploram temas mais profundos, como questões raciais, de gênero e sexualidade (Miguel; Freitas, 2021). Ao assistirmos à telenovela *Travessia*, escrita por Glória Perez e exibida na TV Globo entre outubro de 2022 e maio de 2023, notamos personagens juvenis mais contextualizados com as temáticas cidadãs emergentes.

Travessia se desenrola entre o interior do Maranhão e o Rio de Janeiro, envolvendo a história de Ari (Chay Suede) e Brisa (Lucy Alves), cujo amor é testado por circunstâncias complexas. Enquanto Ari se vê imerso na alta sociedade carioca e se aproxima de Chiara (Jade Picon), filha adotiva do poderoso empresário Guerra (Humberto Martins), Brisa é erroneamente acusada de sequestro e embarca em uma jornada para limpar seu nome, encontrando apoio em personagens como Oto (Rômulo Estrela) e Helô (Giovanna Antonelli). Paralelamente, segredos do passado de Guerra, Débora (Grazi Massafera), Moretti (Rodrigo Lombardi) e Cidália (Cássia Kis) emergem, enquanto intrigas empresariais se intensificam nos bastidores da construtora.

Nas linhas de enredo paralelas, vemos quatro adolescentes ganharem vida, com suas respectivas identidades e temáticas: Rudá (Guilherme Cabral), responsável por fazer a *deep fake* que incrimina Brisa e assumir as consequências de seu erro, além de se destacar pelo processo de autodescoberta e autoaceitação da assexualidade; Karina (Danielle Olímpia), vítima de um pedófilo que utilizava de inteligência artificial para se passar por uma de suas ídolos; Theo (Ricardo Silva), aficionado por jogos eletrônicos, precisando passar por um tratamento de dependência digital; e Isa (Duda Santos), irmã e Theo e amiga de Karina, que atua como uma espécie de “salvadora” nos momentos de crise de ambos os personagens.

Sabemos que a telenovela brasileira, como descreve Motter (2023), é um fenômeno cultural único e influente, que se originou a partir de narrativas orais, folhetins e novelas radiofônicas. Ela passou por mudanças temáticas aproximando-se da vida real, o que atraiu um público mais amplo, como recupera Fadul (2021). Por esse motivo, segundo Lopes (2021), desempenha um papel fundamental na cultura do país, indo além do entretenimento e se tornando uma experiência comunicativa, cultural, estética e social. Em concórdia, Baccega (2022) assente que esse tipo de produção

audiovisual se tornou um veículo importante para discutir temas relevantes para a sociedade, como questões socioeconômicas, culturais e vida cotidiana.

Neste trabalho, portanto, temos como objetivo debater as inovações e rupturas – e os estereótipos e clichês – nos modos de representação da adolescência na telenovela brasileira, com recorte para *Travessia*, de Glória Perez, tendo como objeto de estudo quatro personagens e seus arcos narrativos. Para isso, adotamos uma metodologia que une: uma revisão teórica sobre a vivência juvenil-adolescente; uma revisão bibliográfica sobre as representações midiáticas do adolescente no audiovisual; e uma análise televisual com discussão contextualizada de cenas de *Travessia*.

2 COMPREENDENDO A VIVÊNCIA JUVENIL-ADOLESCENTE

A compreensão da adolescência e da juventude como fases distintas e essenciais da vida tem sido analisada sob diversas perspectivas pelos estudiosos. Ariés (2021) argumenta que essas fases são construções sociais recentes, destacando que, no período medieval, não havia uma clara diferenciação entre infância e adolescência. Apenas a partir dos séculos XVI e XVII, com mudanças na estrutura familiar e educacional, surgiram conceitos mais definidos de adolescência e juventude, prolongando a dependência e a preparação para a vida adulta. Foracchi (2018) complementa essa visão ao explorar a adolescência e a juventude na sociedade moderna como períodos marcados por tensões e ambivalências, refletindo a busca de identidade, confrontos geracionais e a influência das instituições educacionais e da mídia. Ela enfatiza a institucionalização da juventude, onde os jovens são preparados para o mercado de trabalho e a cidadania.

Groppo (2017) adiciona uma perspectiva dinâmica, considerando as influências históricas, econômicas e políticas que variam conforme a classe social, gênero, etnia e localização geográfica. Ele ressalta a juventude como um período de transição e experimentação, onde os jovens negociam suas identidades e enfrentam desafios como a precarização do trabalho e a pressão por conformidade social. Del Priore (1997), focando no contexto brasileiro, aponta que a percepção da adolescência evoluiu ao longo do tempo, especialmente a partir do século XX, com a urbanização e a expansão do sistema educacional. Ela destaca a adolescência e a juventude como fases de formação moral e cívica, influenciadas por normas pedagógicas e a mídia.

Becker (2017) e Calligaris (2000) também contribuem para essa discussão ao enfatizar os aspectos emocionais e psicológicos da adolescência. Becker define essa fase como crucial para o desenvolvimento, destacando a importância do suporte familiar e institucional para enfrentar desafios como a pressão por conformidade social e a busca por autonomia. Calligaris, por sua vez, descreve a adolescência como uma fase de intensa busca de identidade e experimentação, marcada por uma crise de valores e a necessidade de equilíbrio entre autonomia e dependência. Ele sublinha a importância dos rituais de passagem e dos símbolos culturais na orientação dos adolescentes.

Hall (2017) oferece uma visão pioneira, caracterizando a adolescência como um “renascimento” individual, repleto de conflitos internos, crises emocionais e potencial de crescimento e criatividade. Ele enfatiza a necessidade de um ambiente social e educativo adequado para orientar os adolescentes. Por fim, Tomaz (2019) critica a tendência contemporânea de antecipar a autonomia dos jovens, promovendo um encurtamento da infância e a entrada precoce em comportamentos típicos da adolescência. Ela destaca a influência da indústria cultural e as expectativas sociais que impõem maturidade precoce aos *tweens*, ressaltando os desafios e contradições enfrentados ao navegar entre as demandas da infância e da adolescência.

3 ADOLESCÊNCIA(S) E IDENTIDADES JUVENIS NO AUDIOVISUAL

Como vimos, a infância, adolescência e juventude são conceitos que se entrelaçam profundamente na sociedade contemporânea. Yurman (2020) resgata como a adolescência foi moldada pela revolução industrial, enquanto a infância passou por significativas mudanças históricas. A juventude, por sua vez, é vista como uma construção mais abstrata, ligada a ideais de progresso, mas também permeada por simbolismos que remetem à morte, como explorado em obras literárias e culturais.

Martín-Barbero (2002) complementa essa visão ao destacar a complexidade das transformações culturais e identitárias enfrentadas pelos jovens contemporâneos, impulsionadas pela intersecção entre tecnologia, urbanização e globalização. Ele argumenta que a mídia, especialmente a televisão, não apenas reflete, mas intensifica essas transformações ao desafiar estruturas tradicionais de autoridade e controle familiar, permitindo aos jovens participar das interações adultas e expondo-os a novas perspectivas e experiências.

Guareschi (2006), por sua vez, explora como a representação midiática molda as identidades juvenis ao estabelecer padrões de comportamento, estética e consumo. Esses discursos, presentes em telenovelas e programas para jovens, criam categorias sociais que não apenas distinguem os modos de ser e viver, mas também perpetuam desigualdades ao classificar os adolescentes em grupos diversos. Ela enfatiza que as identidades adolescentes são fluidas e negociadas em meio a uma multiplicidade de discursos sociais, desafiando a noção de uma identidade adolescente fixa e única.

Bueno (2006) observa a evolução das representações cinematográficas dos jovens desde os anos 1950 até a contemporaneidade, destacando como o cinema reflete e influencia a cultura juvenil. Ela aponta que os filmes não apenas consolidam imagens icônicas associadas à rebeldia e busca por identidade, mas também respondem às mudanças sociais ao incorporar elementos da cultura juvenil-adolescente, como o rock, e explorar temas como delinquência e revolta.

Cardoso, Santos e Vargas (2014) analisam como as representações contemporâneas de adolescentes no cinema refletem tanto as inquietações genuínas dessa geração quanto a persistência de estereótipos culturais. Eles destacam que, embora haja uma tentativa de aproximação com a realidade contemporânea, as representações cinematográficas ainda dependem de alguns padrões estabelecidos pela mídia.

Em síntese, temos, com Bueno (2006), que a convergência entre as indústrias de conteúdo e tecnologia fortaleceu a mediação entre juventude e mercado, enquanto o imaginário juvenil foi tecido com mitos e referências culturais, alimentando a produção de filmes e outros produtos de entretenimento voltados para esse público. Neste trabalho especificamente, não lidamos com uma obra *de* adolescentes ou *para* adolescentes, mas *com* adolescentes, produzida por adultos, direcionada a um público geral, mas que traz manifestações da adolescência materializadas em alguns de seus personagens.

4 SÍNTESE DA ANÁLISE COM CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O protocolo metodológico para análise televisual com discussão contextualizada parte da compreensão de análise de personagens na teledramaturgia, conforme cunhado por Pallotini (2019). Desse modo, começamos com a contextualização da obra e do contexto histórico-social em que o personagem está inserido. Em seguida, descrevemos o personagem, explorando suas características físicas e funções na narrativa, adentrando

o contexto dramático, examinando as ações, falas e relações interpessoais do personagem, bem como investigando suas motivações, traços de personalidade e desenvolvimento ao longo da narrativa. Por fim, discutimos sua encenação em tela, refletindo ainda sobre a relevância para a sociedade e para pesquisas futuras na área.

Em síntese, percebemos que Rudá se destaca por seu processo de autodescoberta da sexualidade, mas também por sua imersão nas redes sociais, onde sua dualidade entre o mundo virtual e o real se manifesta em atos impulsivos com consequências sérias, como manipulação de fotos e criação de *fake news*. Sua personalidade oscila entre inocência e maldade, refletindo tanto a influência da tecnologia na vida dos adolescentes quanto os desafios das relações familiares disfuncionais.

Karina, por sua vez, enfrenta um trauma profundo de abuso sexual on-line, que impacta sua jornada pessoal com sofrimento psicológico e insegurança. A narrativa procura explorar de modo sensível as devastadoras consequências desse crime, enquanto a garota busca apoio para superar o trauma, reconstruir laços familiares e encontrar forças para enfrentar os desafios da adolescência.

Já Theo é caracterizado pelo vício em jogos digitais, que o leva ao isolamento e negligência de suas responsabilidades e relacionamentos. Sua história revela os perigos do escapismo digital e a importância do suporte familiar e tratamento adequado para superar o vício, destacando a necessidade de diálogo aberto e compreensão mútua entre pais e filhos na era digital.

Por fim, Isa se destaca pela rebeldia contra as regras rígidas de seu pai superprotetor, buscando autonomia para definir sua identidade e enfrentando os desafios da imersão nas redes sociais. Sua história aborda questões de liberdade individual, os limites da exposição na internet e os conflitos familiares na era digital, enfatizando a importância do diálogo e empatia para fortalecer os laços familiares e promover um desenvolvimento saudável na adolescência.

Em síntese, esses personagens não apenas refletem as diversas expressões da adolescência contemporânea, mas também convidam a refletir sobre temáticas cidadãs emergentes como o impacto da tecnologia nas relações sociais, a cibersegurança e a importância do suporte emocional e familiar para o bem-estar. Desse modo, reconhecemos que a telenovela *Travessia* oferece uma representação complexa da adolescência na era digital, incentivando discussões sobre os dilemas e oportunidades enfrentados por essa geração.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. São Paulo: LTC, 2021.
- BACCEGA, M. A. Reflexões sobre telenovela: o âmbito do ficcional como desenho do cenário das práticas de consumo. *In*: LEMOS, L. P.; ROCHA, L. L. F. (org.). **Ficção seriada: estudos e pesquisas** (volume 5). Alumínio: Jogo de Palavras; São Luís: UFMA, 2022. p. 13-29.
- BECKER, D. **O que é a adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 1990.
- BUENO, Z. P. **Leia o livro, veja o filme, compre o disco: a formação do cinema juvenil brasileiro**. Londrina: EDUEM, 2016.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2014.
- CARDOSO, J. B. F.; SANTOS, R. E.; VARGAS, H. A personagem adolescente como protagonista em quatro filmes brasileiros contemporâneos. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 37, n. 2, 2014.
- COUTINHO, L. M. **Uma representação midiática de jovem e de escola: a telenovela Malhação e seus modos de endereçamento**. 2009. 170 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
- FADUL, A. Globalização cultural e o fluxo internacional da ficção televisiva seriada: o caso da telenovela brasileira. *In*: LEMOS, L. P.; ROCHA, L. L. F. (org.). **Ficção seriada: estudos e pesquisas** (volume 4). Alumínio: Jogo de Palavras; Votorantim: Provocare, 2021. p. 13-30.
- FORACCHI, M. M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo: Edusp, 2018.
- GROPPO, L. A. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco, 2017.
- GUARESCHI, N. M. F. A mídia e a produção de modos de ser da adolescência. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 81-90, 2006.
- HALL, S. G. **Adolescence – Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, and Religion**. Hong Kong (China): Hesperides Press, 2017.
- LOPES, M. I. V. Telenovela e direitos humanos: a narrativa de ficção como recurso comunicativo. *In*: LEMOS, L. P.; ROCHA, L. L. (org.). **Ficção seriada: estudos e pesquisas** (volume 3). Alumínio: Jogo de Palavras; Votorantim: Provocare, 2021. p. 11-33.
- MARTÍN-BARBERO, J. Jóvenes: comunicación e identidad. **Pensar Iberoamérica: Revista de Cultura**, [S. l.], n. 0, p. 1-8, 2002.
- MIGUEL, P. V. D.; FREITAS, I. C. O. Personagens adolescentes na websérie “Skam”: um estudo sobre comunicação e narrativa transmídia. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 7, n. 1, p. 5599-5615, 2021.

MOTTER, M. L. Ficção e realidade – telenovela: um fazer brasileiro. *In*: LEMOS, L. P.; ROCHA, L. L. F. (org.). **Ficção seriada**: estudos e pesquisas (volume 6). Aluminio: Jogo de Palavras; São Luís: UFMA, 2023. p. 13-24.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência?. *In*: COLL, C.; MARCHESI, Á.; PALACIOS, J. (org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. v. 1. p. 263-272.

PALLOTTINI, R. **Dramaturgia**: a construção da personagem. São Paulo: Perspectiva, 2019.

TOMAZ, R. **Da negação da infância à invenção dos tweens**: imperativos de autonomia na sociedade contemporânea. Curitiba: Appris, 2019.